

UM POUCO DA CHINA ANTIGA

João RIBEIRO JÚNIOR

Confúcio (Khung-fu tseu), que viveu no século VI a.C., e é com justa razão considerado um dos mais notáveis entre os filósofos moralistas do Oriente, refere ao reinado de Yao, que floresceu no ano 2200 antes da nossa era.

Yao é o primeiro soberano que o ilustre doutrinador julga poder inscrever com verdadeira autenticidade no quadro da história chinesa, parecendo-lhe sobremaneira envoltos nas brumas da fábula os reinados que os anais da China apontam anteriores ao de Yao; épocas remotíssimas, em que o célebre nome de Fo-Hi disputa primazias, por ser este príncipe, na opinião corrente da China, o verdadeiro fundador do seu antigo Império.

Em Chun, sucessor de Yao, termina a série dos imperadores eletivos. Yu, que sucede a Chun, funda a dinastia dos Hia; a prática da elegibilidade cede o lugar ao princípio da hereditariedade. E esta primeira dinastia hereditária só no fim de quatro séculos é que vem a ser substituída pela dinastia Chang, ante a insuportável tirania com que o último dos Hia deixou sua memória assinalada. Por idênticas razões, a dinastia Chang, cujo fundador é o virtuoso Tchín-Tang, que tão venerado se tornou entre os chineses, cede, no século XII a.C. o trono à dinastia Tcheu.

Wu-Wang, fundador da dinastia Tcheu, acentua gloriosamente o seu nome na lista dos imperadores chineses. À dinastia Tcheu, derrubada por uma insurreição militar, sucede, em meados do século III a.C., a dinastia Thsin, entre cujos príncipes avulta como guerreiro e reformador o célebre Chi-Hoang-Ti, que realizou a conquista da Cochinchina, e que procedeu à construção da Grande Muralha, destinada a proteger pelo nordeste as fronteiras do Império contra as invasões das tribos tártaras.

Derrubada por seu turno, após uma curta duração, a dinastia Thsin cede igualmente o passo, ante uma insurreição militar, à dinastia dos Han, fundada por Lieu-Pang, na passagem do século III para o século II antes da nossa era.

Foi no brilhante período da dinastia Han que a classe dos letrados floresceu vigorosamente na China, e que o poderio político deste vasto Império atingiu o seu esplêndido zênite.

Enquanto nas margens do Oceano Pacífico reis e povos se lhe curvavam tributários, — no ocidente da Ásia, os seus exércitos avançavam até as circunvizinhanças do Mar Cáspio, quase a confinar com os extremos do Império Romano.

Foi sob o cetro da dinastia Han, que penetrou na China o Budismo, culto que, sob a designação de religião de Fó entrou largamente a criar adeptos no Celeste Império, sobretudo desde que na segunda metade do século I da nossa era, o próprio imperador Meng-Ti passou a professar a doutrina religiosa de Buda.

Numa nação onde, apesar das cruentas revoluções com que freqüentemente ficou assinalada a substituição de uma dada dinastia por outra, sempre permaneceu intalterável a organização do Estado segundo as normas do regime familiar (isto é, um governo quase análogo teoricamente ao regime patriarcal, governo em que o despótico imperador representa ser simultaneamente o chefe e o pai de todos os seus súditos, e estes em volta dele constituem, por assim dizer, uma verdadeira família, sem distinção de castas), — percebe-se bem que o Budismo recebesse mais fácil e mais radical acolhida do que sucedera na Índia.

Isto coadunava-se mesmo pronunciadamente com o espírito do povo chinês, espírito seco, positivo, que em seus dogmas religiosos, quer sob a influência da doutrina de Buda, quer sob a de Confúcio ou a de Lao-Tseu, buscou de preferência, sem se ocupar com sutilezas teológicas, definir os mais puros princípios da filosofia moral.

Nestes, como no cultivo das ciências e das indústrias, o povo chinês chegou a conseguir um aprimorado grau de proficiência. Em certos ramos de belas-artistas, a China logrou até tornar-se notável por um cunho especial de originalidade característica. Mas o seu isolamento, a sua sistemática abstenção relativamente ao convívio das outras nações, fez com que à civilização chinesa chegasse um dia ao momento histórico de ficar estacionária; e um povo que estaciona, é um povo que morre.

Foi o que politicamente sucedeu à China. Quando no século XIII as tribos mongólicas lograram entrar naquele país, o Império chinês era apenas o fantástico simulacro de uma entidade política.